Ela

R. N. nº 68

O poeta e os olhos da moça

M 83 - [redacted]

"Poeta" e "Corações" (textos)

Poeta, coração e mulher"

FLU, fol. 78

POETA

O poeta precisa fazer um exame de coração. O médico o recebe com um ar grave. Pergunta nome, idade, filiação. E o pai, e a mãe, de que morreram? E os irmãos? O médico investiga a família do poeta, mas êste não conta tudo. Não diz nada de suas irmãs remotas, que vivem no azul e se chamam estrêlas; nem das humildes flôres do campo. De suas doenças não diz as que mais o feriram no fundo da alma, de seus vícios não conta o vício de amar.

— Tire o paletó e a camisa.

O médico aplica um aparelho sôbre o peito do poeta. Aplica várias vêzes, mais acima, mais abaixo, mais à direita, mais à esquerda. Apalpa o corpo imóvel. Manda que êle respire. Inspire, expire. O poeta inspira, o poeta expira. Seu corpo é transportado para uma câmara escura em que uma enfermeira lhe ata os pulsos, o peito, a perna, com aparelhos ligados a fios misteriosos. O poeta tem a certeza de que se deitou na cama elétrica e vai ser executado, mas a enfermeira fala em electrocardiograma e pretende estar fotografando a marcha do sangue do poeta. O médico examina as chapas, o médico toma o pulso do poeta e a pressão do poeta, e mais uma vez, como os antigos auscultavam as pitonisas, o médico ausculta o poeta.

O olhar grave, êle o encara; depois, lentamente, escreve coisas em um papel e lhe entrega:

— O senhor tem um coração de menino.

— Obrigado, doutor. As mulheres sempre me disseram isso.

* * *

Falei um nome de mulher. O poeta me confessou que há muitos, muitos anos, tem vontade de fazer um poema sôbre uma história que êle teve com essa mulher — a que chamaremos Maria. Espanto-me: não sabia que o poeta tinha tido alguma história com Maria. Êle me conta, na mesa do café:

— O poema ainda não saiu. Isso aconteceu há uns dez anos e sempre pensei em escrever um poema, mas êle ainda não veio. Virá talvez um dia, inteiro. O caso foi assim. Eu estava no Praia Bar, sòzinho, com uma tristeza danada, por causa de outra mulher. Estava desesperado, mais principalmente triste, com uma tristeza sem fundo nem remédio. Em certo momento eu paguei a conta e saí. Quando vou pisando na calçada, me encontro com Maria, que vem de braço dado com o noivo. Meus olhos entraram diretamente nos seus. Meus olhos, com tôda a minha tristeza, tôda a minha alma desgraçada, entraram de repente nos seus, mergulharam completamente nêles. Ela se deteve um instante — eu só via aquêles olhos verdes — e me recebeu como se fôsse uma piscina. Tenho a certeza de que ela recebeu a minha alma ferida, de homem desprezado, dentro da sua alma distraída e feliz de moça que passeia com o noivo. Cumprimentei os dois vagamente, segui pela rua tonto, mas apaziguado.

Contei essa história a Maria. Ela beliscou o beiço, tentando se lembrar: — No Praia-Bar? Quando foi? Não, não me lembro...

E ficou me olhando admirada, com seus olhos de piscina.

10/4/52 R. B.

R. Nacional 68

M 704 Ela e Ela, nº 132

Go 3.2.60

DN 30.3.66

~~Esta~~ Foi ha muito tempo que escrevi essa historia, ~~qe~~ ha quase 30 anos. Na ocasião eu não quis dizer o nome dos personagens. Hoje ambos estão mortos. O poeta era Manuel Bandeira, a moça noiva (Maria) chamava-se Clarice Lispector. 63